

População Brasileira, Uma análise da distribuição de seus grupos profissionais ()*

312.93(81)

DULCY MELGAÇO FILGUEIRAS

INTRODUÇÃO

ANTES de se iniciar um estudo da estrutura da população ativa brasileira, torna-se necessário reproduzirem-se aqui alguns conceitos bem como algumas palavras sobre a evolução econômica de nosso país que permitam a compreensão dos fenômenos populacionais ocorridos no passado e observados ainda nos últimos anos.

POPULAÇÃO

Conceito

A palavra população, do latim *populatio*, significava curiosamente devastação, «ravage, tout comme depopulation». (1)

A simples possibilidade de flutuações da população indica que o sentido originário da palavra, que era o de despovoamento, não estaria longe de corresponder ao seu sentido atual; bastaria para isso que tomássemos como ponto de partida, ao estudar-se a população, o conceito de despovoamento. Assim, a população de um território seria uma resultante de um maior ou menor despovoamento. Quando a taxa de natalidade fôsse superior à de mortalidade haveria então o povoamento (aumento de população).

Esse despovoamento ou povoamento pode ser determinado por dois motivos principais: a predominância de uma ou outra das taxas acima referidas — que provocariam as diminuições ou os aumentos naturais — e as migrações. Estas últimas são particularmente interessantes pois determinam o despovoamento de uma região em benefício de outras.

Generalizando, podemos dizer que, dentro de uma estrutura social, pode haver despovoamento de uma classe ou grupos, em benefício de outras, isto é, a passagem de indivíduos de determinados grupos para outros. Este tipo de passagem constitui um dos aspectos da mobilidade social, fenômeno que apresenta grande interesse para os estudos econômicos da população.

(*) Trabalho apresentado ao Curso Elementos de Economia, ministrado pelo Serviço de Aperfeiçoamento da Prefeitura do Distrito Federal.

(1) LANDRY, Adolphe, *Traité de Demographie*, Payot, Paris, p. 7.

Mobilidade Social

Constitui a mobilidade social a movimentação de indivíduos ou grupos de uma posição social para outra e a circulação dos motivos, valores e características culturais entre indivíduos e grupos. A mobilidade pode ser horizontal ou vertical.

Interessa-nos particularmente neste trabalho a movimentação de indivíduos ou grupos. Ocorre a mobilidade horizontal quando a transição do indivíduo ou do grupo se opera dentro do mesmo *stratum* social; nela se incluem as migrações.

A mobilidade vertical — passagem de um indivíduo ou grupos de um *stratum* social para outro — pode ser ascendente ou descendente.

Pode verificar-se em todos os diversos planos sociais — o econômico, quando o cidadão passa da classe pobre para a rica, ou vice-versa; o ocupacional, quando o movimento é de baixo para o alto *stratum* ocupacional (ascendente) ou vice-versa.

O processo de mobilidade vertical exerce uma série de influências importantes sobre a vida social, não só selecionando a população de vários *strata*, como também englobando os descendentes das classes mais altas e mais baixas. Assim, em dado momento, a população de qualquer classe social se compõe de pessoas recrutadas das diversas ocupações. Obtém-se a distribuição mais eficiente entre as várias posições, se todos são recompensados de acordo com o talento. A mobilidade torna a estrutura social elástica, elimina as classes sociais e o seu isolacionismo enfraquece o tradicionalismo e estimula o racionalismo.

Suas influências, diretas e indiretas, em todos os aspectos da organização social, são fortes e complexas. (2) A manutenção de um alto grau de mobilidade social constitui condição do rápido crescimento econômico.

Mobilidade de trabalho

Mais modernamente, a palavra inglesa *mobility* é muito usada, especialmente para designar os movimentos de operários. A expressão *mobilidade de trabalho* (*mobility of work*) encontra-se freqüentemente e corresponde a uma noção precisa. (3) Noutros autores britânicos, o termo *mobility of work* tem u'a amplitude maior do que em francês, pois designa:

- a) a mobilidade de região a região;
- b) a mobilidade de profissão a profissão;
- c) as variações na repartição geral da população entre as profissões, variações devidas não apenas às variações nas trocas de profissões existentes, mas também às alterações de orientação que ocorrem desde que novas gerações tomem o lugar das que se vão. (4)

(2) SOROKIN, Pitirim A., *Social Mobility* New York, 1927, in *Encyclopædia of the Social Sciences*, New York, Macmillan Company, MCMXXXV, p. 554.

(3) JACCARD, Madeleine, *La Mobilité de la Main d'œuvre*, Librairie de l'Université, F. Rouge & Cie., S.A., Lausanne, p. 23.

(4) *Ob. cit.*, pp. 23-24.

Esses três tipos de mobilidade de trabalho ocorrem todos no Brasil, onde diversos fatores os estimulam.

A População e as Condições Econômicas

Por diversos modos as condições econômicas contribuem para alterar a evolução demográfica de um país.

As coletividades humanas se deixam alterar pelas taxas de natalidade, mortalidade e pelas migrações que, por sua vez, são influenciadas, direta e indiretamente, pelos fatores econômicos — pela economia do país.

O ponto a se discutir é como se adaptam, uma à outra, *economia e população*: Sugere PIERRE FROMONT duas soluções logicamente possíveis. (5)

«— ou bem a população se adapta aos recursos econômicos aumentando ou diminuindo até que eles se desenvolvam ou se reduzam. O volume da população aparecerá como sendo determinado pela atividade econômica, como uma consequência dos fenômenos econômicos;

— ou bem o equilíbrio se estabelecerá, de maneira inversa — são os recursos que se adaptam às populações. Desde que estas aumentem, os recursos econômicos se ampliarão e, inversamente, a uma população crescente corresponderá uma economia em declínio. É a população que determinará a vida econômica; ela aparecerá como uma causa dos fenômenos econômicos;

— Essas duas categorias de equilíbrio não se excluem de maneira alguma; podem coexistir; a reação do efeito sobre a causa é um fenômeno muitas vezes observado e isolado pela análise».

Conclui ROBERTO SIMONSEN. (6)

«Do harmonioso equilíbrio entre o homem, o ambiente e os recursos econômicos resultará o bem-estar de uma população».

POPULAÇÃO ATIVA E POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA *Conceito. Distinção*

Segundo os técnicos da Repartição Internacional do Trabalho (O.I.T.): (7)

«A noção fundamental de população «ativa ou trabalhadora» é quase universalmente a mesma. Representa em geral, por definição, a parte da população que fornece a *mão-de-obra* para a produção dos bens e dos serviços. Além dos assalariados e dos empregadores, das pessoas que trabalham por conta própria e dos *membros ativos não remunerados de uma família*, abrange também tanto os desempregados, como as pessoas que efetivamente trabalham por ocasião do censo.» (O grifo é nosso)

(5) FROMONT, Pierre — *Demographie Economique, Les Rapports de l'Economie et de la Population dans le Monde*, Payot, Paris, 1942, p. 21.

(6) SIMONSEN, Roberto C., *Recursos Econômicos e Movimento das Populações*, *Revista Brasileira de Estatística*, abril-junho, 1940, Ano I, n.º 2, p. 199.

No entanto, ao estabelecer os dois critérios básicos utilizados para identificar os membros de uma população ativa: «o do *trabalhador remunerado*» e o da «*mão-de-obra*», ao que parece, não incluem aqueles técnicos os membros ativos não remunerados de uma família. Isto porque, definem o *trabalhador remunerado* como

«a pessoa que, habitualmente ou em grande parte do tempo, exerce uma profissão que lhe permite ganhar dinheiro (ou o equivalente de uma soma de dinheiro) ou ainda na qual colabore para a produção de mercadorias destinadas ao mercado». (8)

e consideram como participante de *mão-de-obra*

«tôdas as pessoas que têm um emprêgo ou estão à procura de um emprêgo durante um curto período especificado, geralmente uma semana ou um dia». (9) Ambos os critérios excluem os membros ativos não remunerados de uma família.

Isto nos faz crer que, ao fixar os dois critérios acima aludidos, já estavam cogitando da *população economicamente ativa*.

De acôrdo com o professor MORTARA (10) porém,

«nenhum economista concordaria em excluir da população economicamente ativa as mulheres que trabalham exclusivamente no lar e para o lar, *sem remuneração* exercendo atividades essenciais para a vida familiar e social. Cumpre, todavia, observar — para desculpa do Serviço Nacional de Recenseamento de 1940 — que êsse critério de exclusão prevaleceu e ainda prevalece nos meios estatísticos internacionais, confundindo-se o conceito geral de «atividade econômica», o qual abrange tôdas as formas de ação que visam à satisfação das necessidades humanas, ora com o conceito de «atividade extradoméstica», ora com o de «atividade exercida com objetivo de lucro», ora com o de «atividade remunerada em moeda», etc.: formas tôdas, que é conveniente discriminar, sem entretanto se lhes atribuir o monopólio do caráter de atividades econômicas. Em consequência da aplicação dêsse critério errado, infelizmente estendida ao censo demográfico de 1950, qualifica-se como «economicamente ativa» no sentido convencional apenas uma parte da população que é tal segundo a significação científica da expressão».

(7) *A População Ativa no Mundo*, in *Revista Brasileira de Estatística*, Ano XVII, outubro-dezembro, 1956, n.º 68, p. 287.

(8) *Ob. cit.*, p. 287.

(9) *Ob. cit.*, p. 287.

(10) MORTARA, Giorgio — *As atividades da Bahia, segundo os Censos Demográficos de 1940 e 1950*, in *Análises Críticas de Resultados dos Censos Demográficos*, I.B.G.E., Conselho Nacional de Estatística, 1956, p. 108-109.

Assim sendo as referências neste trabalho a população ativa excluem aquela parte que se dedica às atividades domésticas não remuneradas, embora estas figurem em algumas tabelas anexas a este trabalho, para fins comparativos.

Significado Econômico da Distribuição da População Ativa

Foi a partir de 1798, quando MALTHUS publicou seu *Essay on Population*, que o aumento de população começou a constituir objeto de preocupação e estudos. Temia-se que a terra se tornasse escassa em relação ao volume de população e a humanidade fôsse levada à fome. A teoria Malthusiana, porém, só apresenta ainda certa validade nos países essencialmente agrícolas. É que a divisão do trabalho — característica da sociedade moderna — e especialização dela decorrente vieram dar feição inteiramente diferente ao problema. Se a população aumenta, a tendência é aumentar o número de operários — fator trabalho — e a solução adequada será o seu aproveitamento eficiente, através de uma distribuição racional que leve a colocar cada operário na função para a qual está mais treinado — especializado — e onde apresentará maior rendimento. A preocupação passou a ser, não só a melhor distribuição desses operários tendo em vista sua capacidade, bem assim sua colocação naquelas atividades que produzam os bens de que depende a manutenção do ritmo do sistema econômico, pois

«se o acréscimo do fator *trabalho* (população) não fôr acompanhado do fator *capital*, é provável que o crescimento da população seja seguido de uma redução da produtividade média.» (11)

Quanto aos países economicamente subdesenvolvidos ficam em situação difícil:

«de um lado sua pressão demográfica impede-os de formar capitais, na medida das necessidades de suas populações; de outro, esses poucos capitais naturalmente reduzem o ritmo de sua formação, acrescentando que parte desse já de si deficiente capital, é devorada pela grande mortalidade juvenil, cujo máximo vai de 0 a 10 anos». (12)

A formação desses capitais fica na dependência do volume da população e, sobretudo, da maneira de distribuição da *população trabalhadora*. A maneira de se aumentar esse capital é distribuindo-se essa população trabalhadora por aquelas atividades que promovem o aumento dos bens de consumo de uso único; uma vez que não se pode aumentar a terra — embora se possa fecundá-la, grande parte da população ativa deverá estar empenhada na manufatura dos instrumentos da produção.

A tarefa de bem distribuir a população não é, contudo, simples; a própria especialização acarreta transtornos de outra ordem: disparidades de

(11) HICKS, J. R., *Introdução ao Estudo da Economia*, Livraria Clássica Brasileira, Lisboa, 1956, p. 69.

(12) GUIMARÃES, Nunes, *Capital e População*, in "Revista Brasileira de Economia", dezembro, 1950, p. 22.

salários, resultantes dos vários graus de especialização, determinados pelas diferenças de aptidão natural, de treino, de experiência; conforme salienta JACQUELINE JACQUARD, (13) a transferência, duma profissão a outra cria dificuldades de natureza especial

«não basta que o trabalhador esteja disposto a aceitá-las; é preciso que possua a aptidão física e intelectual necessárias ao exercício da profissão na qual pensa ingressar».

Por outro lado, aqueles que se especializaram em determinada atividade têm dificuldade em se transplantarem, rapidamente, para um grupo diferente quando certas circunstâncias ocorrem e determinam a dispensa total ou parcial do trabalho humano.

Essas circunstâncias flutuam com o progresso tecnológico, quando novas invenções, aperfeiçoamentos de máquinas, passam a determinar a dispensa, em certos setores, do trabalho do homem e quando os desejos inconstantes e imprevisíveis do consumidor se voltam para novos produtos.

Finalmente, pode-se avaliar o que representa a não utilização do potencial produtivo de um país pela percentagem da população desempregada; mesmo quando o sistema econômico está funcionando em ritmo acelerado, ainda assim :

«cêrca de 5 a 10% da população permanece desempregada, como resultado da má distribuição ocupacional.» (14)

EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA

Antecedentes Históricos. Os ciclos Econômicos

Segundo CASTRO BARRETO, o fenômeno dos ciclos econômicos continuará a exercer uma «grande influência na propagação da população através do imenso país. (15)

Em que consistiram êsses ciclos que determinaram os movimentos populacionais e as modificações na estrutura da população, a qual, segundo se prevê, continuarão a condicionar.

Para NORMANO. (16)

«a característica principal da história da economia brasileira é a permanente mudança das condições dos produtos que poderemos chamar de «produtos reis»: açúcar, cacau, ouro, fumo, borracha, café; cada um desses produtos tem o seu lugar na história do país e foram, cada um no seu tempo, o «eixo» da economia nacional (ou estadual) dando ao Brasil uma supremacia mundial temporária.»

(13) JACQUARD, Jacqueline, *ob. cit.*, p. 210.

(14) COLIN, Clark, *The Conditions of Economic Progress*, Macmillan and Co., Limited, 1940, p. 4.

(15) BARRETO, Castro, *Povoamento e População*, Livraria José Olímpio, 1951, p. 92.

(16) NORMANO, J. F., *Evolução Econômica do Brasil*, Companhia Editora Nacional, 1937, p. 23. Do original americano *Brasil, a study of Economic Types*.

Esses produtos tiveram o seu «reinado» em épocas diferentes e em áreas diferentes de nossas terras, determinando alguns dêles, os chamados ciclos econômicos, sendo que uns de grande importância político-econômica, como o do açúcar que chegou mesmo a influenciar a causa republicana. (17)

Tendo em vista que esses ciclos provocaram inicialmente a mobilidade populacional, serão aqui revistos, rapidamente, ao lado de produtos que, apesar de terem motivado deslocamentos, não chegaram a determinar a formação de ciclos.

Ciclo das madeiras corantes

O primeiro ciclo econômico foi o da indústria extrativa das madeiras corantes que não foram objeto de consideração por parte de NORMANO. Dêle nos fala SIMONSEN

«os resultados reais de indústria extrativa da nova terra só poderiam ser colhidos depois da formação de um organismo social próprio com a definitiva ocupação do solo e os benefícios de sua exploração». (18)

Ciclo do Açúcar

Constituiu o ciclo do açúcar a base econômica da implantação definitiva do europeu no Brasil. Atingiu esse ciclo o seu apogeu no Século XVII e serviu de pretexto ao rei de Portugal para a obtenção de donatários, com recursos próprios e dispostos a ocupar e explorar toda a costa brasileira. (19)

Para o estudo da população do ponto de vista econômico, o açúcar tem acentuada importância pois não desempenhou apenas o papel de fixação do europeu no Brasil.

«Foi êle quem gerou os grandes problemas de mão-de-obra cuja solução imprimiu feição característica ao desbravamento das terras brasileiras.» (20)

Forçara o colono europeu a cooperação do índio e do negro como elemento indispensáveis.

Para a exploração da indústria açucareira tornou-se necessária a obtenção do braço escravo, à custa de imigrações forçadas que, num período de 300 anos, devem ter atingido 3 milhões e meio de seres humanos. (21)

(17) DIEGUES JUNIOR, Manoel, *A Influência da Economia Agrícola na Idéia Republicana*, in "Revista Brasileira de Estatística", Janeiro-Março, 1940, Ano I, nº 1.

(18) SIMONSEN, Roberto C., *História Econômica do Brasil*, Tomo I, Companhia Editora Nacional, 1937, p. 99.

(19) *Recursos Econômicos e Movimentos das Populações*, in «Revista Brasileira de Estatística», Ano I, Abril-Junho, 1940, nº 2, p. 205.

(20) SIMONSEN, Roberto C., *Recursos Econômicos e Movimentos das Populações* in «Revista Brasileira de Estatística», Ano I, p. 205.

(21) SIMONSEN, ob. citada, in «Revista Brasileira de Estatística», Ano I, p. 205.

Ciclo da mineração (ouro e diamante)

Enquanto os produtos agrícolas — açúcar, cacau, algodão, café, tabaco — tiveram sua origem e foram cultivados ao longo do litoral, o ouro se localizava na região centro-oeste do país.

A descoberta do ouro nessa região, no fim do Século XVII, coincidiu com a queda brusca nos preços do açúcar, quando os engenhos atravessavam grave crise.

A atração do ouro e a depressão econômica das zonas açucareiras determinaram um movimento emigratório das regiões do engenho para a zona de mineração. O ouro provocava o deslocamento da fronteira econômica, ocasionando um desenvolvimento do país e povoando especialmente Minas Gerais. (22)

Assim, se o ouro não serviu à realização de empreendimentos de grandes resultados,

«incentivou uma vultosa imigração para o centro-sul do país, que ocupou definitivamente nossos sertões, permitiu a construção de nossas primeiras cidades no interior; criou um grande mercado de gado e tropas estimulando os paulistas à ocupação e conquista definitiva das regiões do sul; tornou o Rio de Janeiro a capital brasileira e aí criou fortes elementos de progresso; permitiu, finalmente, a concentração e a formação de capitais em escravos e tropas que facilitaram a implantação de café no Vale do Paraíba e nas regiões fluminenses». (23)

A procura do ouro estabilizou a formação do país. (24)

Algodão — Como ocorreu com o açúcar, o algodão, que na época colonial era cultivado na zona norte do país, especialmente na Bahia, Pernambuco e Maranhão, e cuja lavoura continuou acentuada até 1822, declinando em consequência da queda dos preços no mercado europeu e com resultado da libertação da escravatura, também determinou um deslocamento da população.

Atualmente, a situação é outra, pois as nascentes indústrias manufatureiras de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro passaram a consumir a parte de algodão que antes se destinava à exportação.

Borracha — A borracha, ouro branco, provocou, como o ouro de Minas Gerais, outra corrida, porém na direção do Norte, em semelhança ao deslocamento determinado pelo açúcar e o algodão.

Explorada no país, desde o Século XVI, teve novo surto no comêço do Século XIX, sendo sua verdadeira época áurea, o período 1905-1910.

(22) NORMANO, *ob. citada*, p. 39.

(23) SIMONSEN, *ob. citada*, p. 49, volume 100 A.

(24) NORMANO, *ob. citada*, p. 39.

A partir de 1910, quando a concorrência da borracha do Oriente ocasionou um retrocesso em nossa exportação, começa seu declínio, propiciando uma retirada na fronteira do Vale Amazônico.

Café — O café que, como a borracha, teve sua origem no Vale do Amazonas e Pará, onde foi introduzido em 1723, veio a se tornar o eixo da economia brasileira.

Atualmente, sua produção ocupa uma grande parte da população dos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Paraná, Bahia e Pernambuco, ficando São Paulo com a primazia.

Enquanto o açúcar e o algodão são produzidos quase que para o consumo interno, nas fazendas do sul, quase tudo o que se produz é para a exportação. A lavoura do café tomou grande vulto, determinando o desenvolvimento de uma extensa região que se debatia, há mais de 70 anos, em profunda crise. (25)

Conclui NORMANO suas observações sobre os nossos diversos produtos: (26)

«a mudança dos principais produtos deslocou a fronteira econômica do país. O ciclo do açúcar formou núcleos agrícolas; o ciclo do ouro perturbou parte dos mesmos e originou novos centros pastoris e agrícolas. A borracha, na sua atividade destrutiva, pode ser comparada com o ouro, desde que, em ambos os casos, as corridas iniciais causaram o afastamento de outros ramos de produção. O café combina tôdas essas influências, tendo sido inaugurado como uma «corrida» como a do ouro e da borracha e possuindo ainda o efeito colonizador de outro produto.»

Alteraram-se os eixos econômicos, alterou-se a fronteira. Alterou-se, sucessivamente, a estrutura da população ativa brasileira; ainda hoje reflete esta tôdas essas flutuações do passado.

As Migrações Internas

Constituem as *entradas* o primeiro estágio da penetração brasileira. A caça de escravos e a procura de minérios são os pretextos dêste movimento nômade dos sertanejos de gado. (27)

Nossos deslocamentos internos foram, como já vimos, determinados por deslocamentos de eixos econômicos. Também fenômenos de exaustão têm determinado o enfraquecimento dos recursos econômicos de regiões, onde muitos colonos haviam se fixado inicialmente. Por uma ou outra razão, é

(25) SIMONSEN, Roberto C., *História Econômica do Brasil*, Tomo II, Companhia Editora Nacional, 1937, p. 213.

(26) NORMANO, *ob. cit.*, p. 74.

(27) NORMANO, *ob. cit.*, p. 80.

o Brasil, segundo LINN SMITH, o país de maior mobilidade populacional do mundo.

Atualmente, as migrações internas têm sido facilitadas pela relativa maior facilidade de transportes.

Resumindo, podemos dizer que as principais migrações internas ocorridas no país no período de 1700-1940 (28), suas determinantes e os sentidos que tomaram, foram

Determinantes — Épocas — Sentido das migrações

a) Exploração do ouro e diamantes em Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais — 1700-60 — Do Nordeste para Minas Gerais. De São Paulo para Minas Gerais. Do Piauí e São Paulo para Mato Grosso e Goiás.

b) Cultura do café no Vale do Paraíba e Norte de São Paulo — 1760-1860 — Do Nordeste e Minas Gerais para as regiões citadas.

c) Exploração da borracha no Amazonas — 1869-1908 — Do Nordeste para o Norte, abrangendo o Território do Acre.

d) a máxima expansão administrativa da capitania paulista — Sec. XVII e XVIII — Para Leste do Estado de São Paulo (Piratininga) para Mato Grosso, Piauí, Norte do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

e) Cultura do café em São Paulo — 1850-1940 — Do Nordeste para São Paulo (por terra e mar).

Já em nosso século, as migrações brasileiras estão tendo outro sentido, ocasionadas ainda por condições econômicas. Verificou o Censo de 1940 (29) as seguintes :

De Minas para São Paulo — cerca de	350.000
Do Estado do Rio para o D. F.	290.000
Da Bahia para São Paulo	150.000
De São Paulo para o Paraná	115.000
De Minas para o D. F.	110.000

As migrações internas têm concorrido de um lado para melhor distribuição da população no território nacional, de outro para agravar o desequilíbrio econômico entre o Norte e o Sul do país. (30)

Mas se a zona Leste continuar também a perder contingentes migratórios, acentua MENEZES CÔRTEZ, agravar-se-á o desequilíbrio econômico já observado entre a Zona Leste e Sul. (31)

(28) SIMONSEN, Roberto C., *Recursos Econômicos e Movimentos das Populações*, in "Revista Brasileira de Estatística", Ano I, Abril-Junho, 1940, n° 2, pp. 206, 207, 209, 210 e 212.

(29) *Migrações Internas* in "Conjuntura Econômica", Abril, 1952, p. 35.

(30) Idem, idem.

(31) MENEZES CÔRTEZ, Ten. Cel. Geraldo, *Imigração e Colonização*, in "Revista do Serviço Público", Abril, 1954, p. 73.

Além dessas, há as migrações dos campos para as cidades — as migrações rurais-urbanas.

Migrações Rurais-Urbanas

Na época colonial, informa-nos OLIVEIRA VIANA: (32)

«o gosto da vida rural decorre então das próprias condições econômicas da colônia. O centrifugismo urbano se torna a força dominante na mecanização dessa sociedade instabilizada».

Mais recentemente, no nosso século, o fenômeno do êxodo rural é universal e se observa também no Brasil.

Na imigração do campo para a cidade prevalece o elemento feminino que se desloca à procura de melhores oportunidades de emprego, contribuindo assim para elevar a proporção de homens na população rural.

A grande força de atração dos elementos da zona rural para a urbana é o desenvolvimento industrial das grandes cidades, como as perspectivas de melhores salários. As cidades sofrem assim, intensamente, os efeitos das rápidas migrações internas das populações urbanas.

E como os que se deslocam do meio em que vivem apresentam características definidas de idade, relacionadas com o mercado de trabalho, segue-se que

«o fluxo migratório pode alterar com relativa facilidade a estrutura das populações citadinas». (33)

Como já foi dito, as migrações rurais urbanas influenciam grandemente a distribuição da população ativa de um país, uma vez que os que procuram as cidades se dirigem para a indústria; de um lado contribuem elas para aumentar os contingentes industriais dos centros urbanos, de outro para diminuir a população agrícola.

Também o fator natalidade pode alterar uma e outra dessas populações. Assim, nos países agrícolas em que a taxa de natalidade (fertilidade) é geralmente elevada

os dados estatísticos acusam a expansão agrícola (onde a população cresceu) em proporções relativamente mais acentuadas. (34)

(32) OLIVEIRA VIANA, *Evolução do povo brasileiro*, Companhia Editora Nacional, 1938, p. 95.

(33) "A população do Distrito Federal", através dos censos in *Conjuntura Econômica*, (março, 1952), pp. 35-36.

(36) *Exposição Geral da Situação Econômica do Brasil*, in "Revista do Conselho Nacional de Economia", Ano I, (Dezembro, 1952), nº 8.

No Brasil, onde o coeficiente de natalidade é baixo, o deslocamento dos setores rurais para os centros urbanos tem concorrido para aumentar os contingentes citadinos, em detrimento da produção agrícola.

Imigrações

Há quem não considere os movimentos imigratórios como representativos nos conjuntos nacionais, afirmando-se que

«as grandes massas de população só apresentam alterações, via de regra, como resultados de mudanças de sua própria estrutura, pois os contingentes imigratórios nunca chegam a representar percentagens elevadas nos contingentes nacionais». (35)

Já PIERRE FROMONT (36) admite a possibilidade dessas alterações:

«quando se antevê a hipótese de um aumento de população, se êste resulta de um excesso de nascimento, a população compreende um grande número de crianças. *Se resulta de imigração a população de adultos é maior.* (O grifo é nosso).

No que diz respeito ao Brasil, acreditamos que sua estrutura tenha sido modificada pelo menos no início dêste século, pelas correntes imigratórias. Entre 1805 e 1905, recebeu São Paulo o maior afluxo de imigrantes jamais entrado no país — 10.331.630 cidadãos, contribuindo para aumentar a percentagem de adultos e, possivelmente, a de elementos do sexo masculino, da população geral.

Essas correntes imigratórias não encontraram, ao que parece, a mesma continuidade. A pirâmide demográfica brasileira (ver gráfico em anexo), baseada nos dados do censo de 1950, se afigura típica de uma população crescente, com grande achatamento na base; o número de crianças, — menores de 10 anos —, é grande, representando uma percentagem de quase 30% sobre o total, ou seja, 15.386.407 para uma população global de 51.944.397.

População Presente de 1920, 1940 e de 1950

A tabela nº 1 nos dá a evolução da população do Brasil, no período de 1920 a 1950, por zonas fisiográficas, e as percentagens de cada uma destas, por ela pode-se inferir os resultados dos deslocamentos internos da população. Os números aparecem em milhares. (ver Tabela nº 1, em anexo).

As tabelas 2 e 3 nos mostram a população brasileira nos anos de 1940 e 1950, distribuída pelos seguintes grupos de idade: a) menor de 10 anos; b) de 10 a 70 anos; c) de 70 anos em diante.

(35) *A População do Distrito Federal através dos Censos, Algumas Características* in "Conjuntura Econômica, (março, 1952), p. 35.

(36) FROMONT, Pierre, *ob. cit.* p. 187.

População Urbana e População Rural em 1950

Ainda é grande a nossa população rural. Constitui 63,84% da população global. É claro que essa percentagem flutua de uma região fisiográfica para outra :

	(Em milhares)			
	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Total</i>	<i>%</i>
Urbana	8.971	9.912	18.783	36,16
Rural	16.914	16.247	33.161	63,84
Totais	25.885	26.059	51.944	100,00

POPULAÇÃO BRASILEIRA. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO. QUADRO
DISTRIBUCIONAL

Introdução

A investigação econômica moderna utiliza método idêntico ao de outras ciências. A economia estuda fatos e procura dispô-los de maneira a ser possível deles se tirar conclusões.

Dispor êsses fatos de maneira a que possam responder às nossas indagações, constitui fase conhecida geralmente por Economia Aplicada ou Descritiva que muito se aproxima do estudo de uma ligeira síntese da história econômica brasileira, a fim de que se compreendam as tendências de nossa população. O estudo evolutivo da população ativa brasileira nos últimos 10 anos, ou seja, no período de 1940 a 1950, datas em que foram realizados os dois últimos censos, permitirá compreender a transição por que estamos passando.

Sendo o fator população o fator determinante do efetivo de mão-de-obra de um país, conclui-se que, aumentando a população, o efetivo da mão-de-obra também aumenta. Em países jovens como o Brasil, porém, êsse aumento pode não determinar o aumento da população ativa de imediato, como veremos mais adiante. Essas observações quanto às possibilidades de nossa população ativa, isto é, o imenso potencial humano de que disporemos num futuro próximo, não afetam a análise que pretendemos fazer da atual estrutura de nossa população ativa.

Dificuldades de Comparação da População Ativa Brasileira

A estrutura social de um mesmo país modifica-se com o tempo; as definições e métodos utilizados para a compilação de estatística também sofrem transformações. Disto resulta que as comparações visando a um período longo para um mesmo país, devem, por vezes, ser objeto de reservas semelhantes às que se aplicam às comparações relativas a sociedades diversas. (37)

As observações acima referem-se a um período longo; no entanto, essas mesmas reservas têm que ter o analista ao comparar a população ativa brasi-

leira de 1940 e 1950. Apesar de se tratar de apenas um decênio, uma certa cautela deve ser tomada, pois como assinala o professor MORTARA: (38)

“Duas circunstâncias contribuem para criar dificuldades na comparação entre os dados do Censo de 1940 e os de 1950. A primeira destas circunstâncias consiste nas diferenças entre os esquemas de agrupamentos das ocupações segundo classes e ramos, adotados nos dois censos. A segunda destas consiste nas diferenças de critérios adotados nos dois censos para o levantamento e a classificação das atividades não retribuídas, exercidas no lar e pelo lar.” (38)

No Boletim do Censo Demográfico de 1940, havia 10 perguntas relacionadas com a *profissão, ofício, emprego, cargo ou função* principal. Já o de 1950, além das perguntas não serem exatamente as mesmas, acrescentou-se a palavra *atividade* (atividade exercida como atividade principal). (39)

Segundo ainda o prof. MORTARA, em virtude dessas divergências entre os critérios de caracterização das atividades nos dois censos

“os dados de 1950 provavelmente descrevem mais fielmente a distribuição dos habitantes segundo a ocupação principal, mas os de 1940 dão a visão mais completa das atividades, mesmo acessórias, especialmente da população feminina.” (40)

Principais Conseqüências da Diversidade de Critérios

Uma das principais conseqüências da disparidade apontada foi que grande número de mulheres distribuídas no censo de 1940 pelos grupos agricultura, silvicultura, indústrias manufatureiras e serviços pessoais, foram no de 1950 englobadas no grupo de atividades domésticas.

Essas desigualdades de critério poderão levar, ainda, o analista a deduções errôneas, se não se fizerem antes as necessárias transições de grupos.

No que diz respeito ao grupo de atividades domésticas a desigualdade reside talvez no fato de que as mulheres ocupadas *em atividades domésticas não remuneradas* não seriam incluídas no cálculo da população ativa. Este fato determinou que muitas delas declararam em 1940 uma profissão qualquer apenas para não serem consideradas inativas.

(37) *A População Ativa no Mundo*, ob. cit., p. 288.

(38) MORTARA, Giorgio, *As atividades da População da Bahia, segundo os Censos Demográficos de 1940 e 1950* in “Análises Críticas de Resultados dos Censos Demográficos, Estudos de Estatística Teórica e Aplicada, IBGE, 1956, p. 108.

(39) *A População Ativa Feminina e o Recenseamento* in “Conjuntura Econômica”, (Setembro, 1953), p. 65.

(40) *As Atividades da População da Bahia, segundo os Censos Demográficos de 1940 a 1950*, ob. cit. p. 109.

Limites Mínimos e Máximos da População Ativa Brasileira

Resta, porém, saber quando os habitantes de um país começam a formar parte dos efetivos da mão-de-obra. O limite mínimo, isto é, a idade em que a criança começa a trabalhar, varia de país para país. Na América do Norte e no Oeste da Europa, no Japão, na Austrália e na Nova Zelândia, a mão-de-obra de menores de 15 anos representa uma fração muito pequena (um por cento no mínimo) da população ativa (41). E' que a idade mínima fixada por lei para término da escolaridade, raramente excede aos 15 anos. (42)

No Brasil, não existindo tal obrigatoriedade, as crianças começam a trabalhar mais cedo e assim sendo, o limite foi estabelecido, pelos diversos censos decenais, em 10 anos, naturalmente por se ter verificado grande número de menores entre 10 e 15 anos trabalhando na lavoura; é interessante assinalar que a participação da criança na vida ativa é maior nos países menos industrializados.

Quanto ao limite máximo de 70 anos estabelecido para nossa população, parece corresponder à nossa estrutura econômico-social.

Crescimento e estrutura da População Ativa Brasileira

País jovem como é, não acompanhou a população ativa, comparativamente o crescimento da população global; o aumento desta foi em números absolutos, de 10.708.000 no decênio 1940-1950, representando um aumento percentual de 25,9%. As populações globais foram, respectivamente, 41.236.315 e 51.944.397.

A população ativa que, em números absolutos passou de 14.020 milhares a 7.070, apresentou um decréscimo percentual, caindo de 34,9% para 32,8%, em relação às populações totais do país, em 1940 e 1950.

Contudo, tanto a percentagem de 32,8% (1950) como a de 34,9% (1940) são baixas em comparação com a taxa da população ativa do mundo que é de 41%. A população ativa mundial foi estimada em pouco mais de um bilhão em 1950, sobre uma população total mundial ligeiramente superior a dois bilhões e meio. Naturalmente que há países em que a taxa é inferior à do Brasil. Essas taxas variam, no mundo inteiro: de 31% (Ásia do Sudoeste) a 49% (África tropical e meridional) (43), diferenças que revelam, em parte, a estrutura cultural das sociedades em que se apresentam. Mesmo em relação à América do Sul, cuja taxa média é 38%, nossa taxa ainda é baixa.

Se não houvesse a participação de menores de 15 anos, essa taxa seria provavelmente mais baixa ainda. O censo de 1950 encontrou, no Brasil, quase 2.000.000 menores de 15 anos trabalhando no setor agropecuário, o

(41) *A População Ativa no Mundo*, ob. cit., p. 29.5

(42) Idem, Idem.

que significa uma proporção de 17,3%. E' claro que essa percentagem não é a mesma em tôdas as regiões fisiográficas.

Concorre para a participação do menor na população ativa o fato de não têrmos um ensino primário obrigatório. Em 1950, o Brasil apresentou, para o grupo de idade de 10 a 14 anos, a taxa de 31% para os meninos e 9% para as meninas.

A população brasileira acima de 10 anos estava em 1940 e 1950 distribuída pelos diversos grupos de atividade, de acôrdo com a tabela anexa (Tabela nº 6). Essa tabela inclui todos os habitantes acima de 10 anos, inclusive aquêles que se encontram em condições inativas, estudantes, pessoas que exercem atividades não remuneradas no lar, discriminando-os por sexos e apresentando a percentagem que cada grupo representa no total. Verifica-se que a percentagem de maiores de 10 anos, ocupados em atividades extradomésticas era, em 1940, de 48,4% e de 46,8%, em 1950, resultados naturalmente prejudicados pela diferença de critério já aludida.

Quanto ao número de mulheres que participavam da população trabalhadora do país representavam estas 15,9% do total da ativa (Ver Tabela nº 4).

Em 1950, esta proporção caiu para 14,6% (Ver Tabela nº 5), queda que talvez não expresse coisa alguma pois pode ser uma resultante do fato já ressaltado, de que muitas mulheres não declararam, em 1940, exercer função doméstica não remunerada.

No total da população ativa a percentagem de mulheres na agricultura apresentou a seguinte oscilação. (44)

TOTAL DE MULHERES NA ATIVIDADE AGRÍCOLA

Anos	Total de mulheres	% sôbre o total de pessoas
1920	606.919	9,6
1940	1.270.199	13,4
1950	732.900	7,4

A diferença acentuada entre os censos de 1920 e 1940, não só absoluta como relativa, talvez seja real, podendo explicá-la o grande aumento no número de estabelecimentos agropecuários que de 648.153, em 1920, passou a 1.904.589, em 1940.

Comparando-se o número de mulheres nos três censos obtêm-se os seguintes índices: (45)

1920	0,93
1940	0,66
1950	0,36

Como se vê, os resultados do censo de 1950 afastam-se dos censos anteriores e as razões devem ser as já apontadas.

(43) *A População Ativa no Mundo, ob. cit., p. 301.*

Comparação dos Grupos de Atividades

Em virtude da divergência de critérios entre os censos de 1940 e 1950, algumas transposições se fizeram necessárias a fim de tornar comparáveis seus dados e de se poder analisar as flutuações e aumentos verificados dentro de cada grupo. Essas transposições foram feitas, algumas delas, tendo em vista o conhecimento da própria divergência de critérios entre os dois censos e outras por dedução.

Antes de iniciarmos a comparação entre os grupos, desejamos ressaltar ainda que no caso especial do Brasil — país que, segundo LINN SMITH, tem a maior mobilidade populacional do mundo — o estudo da maior ou menor preferência por certos grupos de atividade torna-se complexo. É que alguns fatores são anulados por outros e nunca saberemos ao certo quando o surto de uma determinada atividade atraiu o homem ou quando uma atividade prosperou em função de maior mão-de-obra disponível.

Em primeiro lugar as mutações profissionais são estimuladas pela extraordinária mobilidade horizontal e facilitada, o que pode parecer estranho, pela ausência de especialização. O nosso operário só agora começa a ser treinado. Nossas Escolas Técnicas não são em número suficiente, encarregando a própria empresa privada destas tarefas.

Isto sem falar na dificuldade de comparação entre os censos de 1940 e 1950: segundo estes, houve um considerável decréscimo no número de mulheres ocupadas em alguns ramos de atividade.

Assim:

“A redução considerável que se verifica no número de mulheres em certas atividades, segundo os censos de 1940 e 1950, tem suscitado da parte de uns, justificadas reservas e de outros, conclusões precipitadas, como por exemplo, o do grande *declínio na utilização mão-de-obra feminina*.” (46)

Assim o grupo agricultura, pecuária e silvicultura apresentou uma queda de 1.270 milhares para 733 milhares. É que, conforme já foi ressaltado, grande número de mulheres que exerciam uma atividade suplementar, tais como agricultura, bordados, costuras, etc., declararam essas atividades como profissão e assim foram classificadas em 1940 no grupo «agricultura, manu faturas, etc.» em 1950 aparecem elas no grupo «atividades domésticas não remuneradas». É claro que esse fato viria alterar o grupo *atividades domésticas não remuneradas* cujo total de mulheres passou de 10.725 a 14.882, o que representa, evidentemente, um aumento fabuloso, afetando a cifra global que passou de 11.909 a 16.464 milhares, montantes que representam, respectivamente, 41,01% e 45,03% da população total dos respectivos anos (ver Tabela nº 6).

(44) *A População Ativa no Mundo*, ob. cit. p. 301.

(45) *Idem*, *idem*.

(46) *A População Ativa Feminina e o Recenseamento*, ob. cit. p. 64.

Outras não correspondências de grupos profissionais ocorrem noutros setores. O grupo *prestação de serviços*, aberto em 1950, não aparece em 1940; dêle constam barbeiros e cabeleireiros, manicuras, pedicuras, lavadeiras, engomadeiras, engraxates, cozinheiras, garções, amas e copeiras. Onde teriam figurado êstes no censo de 1940? o grupo *profissões liberais* apresentou um decréscimo; de 119 milhares passou a 79 milhares em 1950, sendo a diferença mais evidente, observada no sexo feminino que passou de 40 milhares para 14. E' que constava dêste, em 1940, a *administração privada* que passou a fazer parte em 1950, provavelmente dos dois grupos de comércio. O mesmo deve ter ocorrido com o grupo de *atividades sociais* que decresceu, passando de 900 milhares para 436 milhares.

Após essas observações de caráter geral, iniciaremos a comparação da população ativa, grupo por grupo (ver Tabela nº 7).

Agricultura, pecuária e silvicultura

A fim de tornar comparáveis os resultados dos censos de 1940 e 1950 mod ficou-os o Sr. GEORGE KINGSTON (47), partindo do pressuposto de que a taxa de ocupação da mulher na agricultura, em cada um dos Estados, tenha se modificado naquele decênio, na mesma proporção em que variou a taxa de atividade dos homens.

Assim, se a população feminina agrícola que apresentou uma taxa de decréscimo de quase 43%, contribuindo para fazer cair as taxas gerais nesse grupo de 13,4% para 7,4%, tivesse aumentado na mesma proporção que a masculina, isto é, se tivesse aumentado de 11,8%, seria ela, em 1950, de 1.420 milhares o que tornaria a população global agrícola nesse ano igual a 10.571.

Mesmo utilizando-se êsse recurso de raciocínio, verifica-se que foi êsse grupo o que ofereceu menor aumento percentual, nesse período, caindo de 67,43% para 61,92% (48), enquanto o total de atividades global se manteve quase constante. Êsse decréscimo da população agrícola pode dar a impressão de que houve melhor aproveitamento através da mecanização e da racionalização do trabalho. Contudo, ao que parece, continua o Brasil naquela situação a que se referiu LINN SMITH.

Não haverá país no mundo onde a produção — sobretudo a agrícola — resulta de maior soma de esforços e de mais absurdo desperdício de energias.

E' interessante assinalar que continua sendo o Brasil um dos países da América Latina com maior proporção de pessoas ocupadas em atividades

(47) KINGSTON, George, *Alguns aspectos demográficos e econômicos da agricultura no Brasil*, in "Revista Brasileira de Estatística", nº 58, Ano XV, (abril-junho, 1954), p. 77.

(48) NOTA — Êsse cálculo foi feito levando-se em consideração a hipótese acima; se considerarmos os dados de censo de 1950, a percentagem será de 57,90% (ver Tabela nº 7).

agrícolas, apesar da pressão de mutações de deslocamentos exercida no Nordeste pela exaustão da terra.

Cêrca de 67% da população ativa e remunerada maior de dez anos se localiza nas regiões rurais vivendo da agricultura (49). Essa população agrícola não se distribui homogêneamente pelo país. A taxa parcial de atividade apresenta uma faixa de variação de 25,09% a 33,50% (50) sendo que na zona Norte, a população que nas outras zonas é essencialmente agrícola divide-se entre a agricultura e a indústria extrativa (ver Tabela nº 8), cujas percentagens são respectivamente de 18,99% e 12,79%.

Indústrias Extrativas

Como já vimos, a região Norte apresenta uma taxa extremamente elevada de pessoas ocupadas na indústria extrativa. A população das demais zonas varia numa percentagem que vai de 0,54 a 2,87 (ver Tabela nº 8). A taxa mais baixa é dada pela zona Sul, 2,87%.

O número absoluto de ocupados nessa atividade foi, em 1940, de 390 milhares e, em 1950, de 483 milhares; percentagens de 2,79 e 2,88, respectivamente.

As indústrias extrativas são, porém, estacionais e como os dois censos foram realizados em épocas diferentes do ano, pode ter havido discrepâncias nos resultados.

Indústrias de transformação

Também nas indústrias de transformação nota-se um decréscimo da população feminina que pode bem ser resultante da diferença de critério dos dois censos.

Assim, enquanto a população masculina passou de 1.107 milhares a 1.842, a feminina passou de 293 a 389 milhares, a masculina aumentou na proporção de 66,3%, enquanto a feminina na proporção de 32,7%. Observou-se que o trabalho feminino aumentou mais nos ramos da indústria têxtil (51).

Nesse grupo, a percentagem média da população ativa do país passou de 9,99% para 13,06%, o que parece provir do desenvolvimento das indústrias de transformação, no período de 1940 a 1950; o número de pessoas nesse grupo passou de 1.400 milhares a 2.231. Adverte porém o prof. MORTARA (52) que o censo de 1950 teve um âmbito de levantamento mais amplo, o que pode ter influenciado êsses dados.

(49) O IBGE registra apenas como sendo de 33,5% a população ativa na agricultura.

(50) Essas percentagens foram baseadas nos dados do censo. Não foi feito o acréscimo do aumento proporcional como o foi no cálculo geral da população agrícola. Contudo, uma comparação apenas entre grupos e zonas, êsses números servem aos objetivos visados. A percentagem calculada é a taxa parcial de atividade (ver Tabela nº 7).

(51) *Salário na Indústria*, in *Conjuntura Econômica* de Setembro de 1949, Ano III, nº 9. (Dados tirados do Censo dos Industriários de 1948).

Comércio (de mercadorias)

O número de ocupados nos ramos de comércio de mercadorias passou de 749 milhares a 958 milhares, aumentando a sua percentagem de 5,34% para 5,61%. O número de homens passou de 698 a 869 milhares e o de mulheres de 51 a 89 milhares.

Comércio (de imóveis e valores imobiliários, créditos, seguros e capitalização)

Este grupo, embora represente uma taxa pequena de população global, teve um aumento percentual grande. A população passou de 52 milhares a 116 milhares; a taxa passou de 0,36 a 0,67. O maior aumento percentual verificou-se na população feminina, pois foi de 77%.

Prestação de Serviço

Esclarece o prof. MORTARA que o Serviço Nacional do Recenseamento de 1950 reagrupou os dados de 1940. Contudo, desconhecemos êsses reagrupamentos. Conforme já declaramos, não aparece, no censo de 1940, o grupo *prestação de serviços*, de modo que não tentaremos neste nenhuma comparação por ser difícil observar as causas de suas variações. Em 1950, a população total classifica nesse grupo foi de 1.673 milhares, sendo 926 milhares de mulheres e 747 milhares de homens.

Transporte, Comunicações e Armazenagem

Em primeiro lugar, queremos esclarecer que o esquema de agrupamento de 1940, não inclui a palavra *Armazenagem*. Naturalmente o esquema do censo de 1950 quis tornar mais claro êsse grupo de atividades, pressupondo-se, pois que a armazenagem seria abrangida pelo grupo de 1940. O número de mulheres, com uma taxa de aumento de 107%, fez, praticamente, dobrar a população feminina dêsse grupo no período de 1940 a 1950. O aumento percentual dos homens foi inferior; a percentagem de aumento foi de 45,2%.

A percentagem dentro da população ativa do país passou de 3,39% a 4,08%. Êsse aumento, embora ligeiro, pode ser ocasionado pelo maior investimento em rodovias. A partir de 1946 passaram a ser empregados recursos em estradas de rodagem com muito mais intensidade.

Ao que parece êsse grupo não mereceu as preferências das mulheres que no censo de 1940 declararam uma profissão qualquer para não serem julgadas inativas. O grupo não se prestava para uma "fuga" daquelas que «precisavam declarar uma atividade extradoméstica qualquer. Assim sendo, o aumento da população feminina nesse setor, parece ser real.

(52) *As atividades da População da Bahia Segundo os Censos Demográficos de 1940 a 1950, ob. cit. p. 111.*

E' bem verdade que êsse aumento em números absolutos não é grande; passou de 14 milhares a 29 milhares enquanto que a masculina, bem superior, passou de 460 a 668 milhares.

Profissões Liberais

A população absoluta recenseada nesse grupo foi de 119 milhares em 1940 e 79 milhares em 1950. A taxa dentro da população ativa global caiu de 0,85% para 0,46%, o que não parece corresponder à realidade. A população absoluta feminina nesse ramo passou de 40 milhares para 14, revelando uma queda de 65%; a masculina cuja população absoluta foi respectivamente de 119 e 65 milhares, nos anos de 1940 e 1950, apresentou um decréscimo de 21,5%.

A comparação neste grupo é tremendamente dificultada pela diversidade de um esquema e outro nos dois censos. O censo de 1940 inclui neste grupo, *ensino particular, culto e administração privada*. (!) Evidentemente que tendo sido desdobrado o grupo, ficando apenas com as profissões liberais teria êle que apresentar diminuição. Contudo, como vimos, os decréscimos não são proporcionais para os dois sexos.

Atividades Sociais

Ainda a comparação é prejudicada pelas diferenças de critérios de levantamento e classificação. As classes de atividades de *previdência social* e de *assistência médico-hospitalar pública* que no censo de 1940 foram incluídas em *administração pública*, etc. aparecem em 1950 no ramo das *atividades sociais*. (53) Ainda assim o número de ocupados nesse grupo passou de 900 milhares a 435 milhares, diminuindo percentualmente de 6,42% para 2,55%.

A população masculina que era de 438 milhares em 1940 — número quase igual ao total geral dêsse grupo em 1950, passou para 201 milhares e a população feminina de 438 para 234 milhares.

Administração Pública — Legislativo e Justiça

Como já frisamos, êsse grupo será afetado pela diversidade de critérios. Em números absolutos os ocupados em *administração pública, Legislativo e Justiça* passou de 311 milhares a 261 milhares, provocando uma queda percentual de 2,21 para 1,52%.

A população feminina que era em 1940 de 84 milhares passou a ser quase a metade ou seja 40 milhares. A masculina não apresentou quase alteração: 227 milhares em 1940 e 221 milhares em 1950.

Apesar da exclusão apontada, a proporção de homens aumentou consideravelmente, a taxa de percentagem passou de 0,6% para 1,6%.

(53) MORTARA, Giorgio, *As atividades da população da Bahia, segundo os censos demográficos de 1940 a 1950*, ob. cit., p. 112.

Defesa Nacional e Segurança Pública

O número de ocupados em segurança pública, 172 milhares em 1940 e 251 milhares em 1950, modificou a taxa percentual de 0,59% para 0,69%.

CONCLUSÕES

Tentaremos uma síntese, num comentário geral, do significado da estrutura de nossa população ativa, procurando tanto quanto possível investigar até que ponto os movimentos populacionais contribuíram para lhe dar a feição atual e até que ponto o desenvolvimento econômico foi determinando a disposição de seus componentes ativos.

Inicialmente é necessário que se digam algumas palavras sobre o grupo das atividades domésticas, de difícil interpretação, pois como afirma COLIN (54)

“A alta percentagem de empregados domésticos na população encontra-se em três países de estrutura diversa, como a Índia, a Noruega e a Grã-Bretanha.» (O grifo é nosso)

Passemos às atividades agrícolas. Continuam a predominar, no Brasil, as atividades agrícolas, apesar do decréscimo de 5,52% ocorrido na sua percentagem.

Tendo sobrevivendo o decréscimo e tendo aumentado nossa população no decênio de 1940-1950 era fatal que os índices da produção agrícola se tornassem inferiores aos do aumento da população.

Assim, em 1950 veio a caber a cada habitante uma quantidade menor de produto agrícola. VAN DER MEIREN (55) concluiu que existem duas causas básicas «para a lenta resposta da oferta ao aumento da procura:

“a) as migrações dos trabalhadores agrícolas para as cidades e centros industriais e a

b) insuficiência dos investimentos na agricultura”.

A primeira destas causas já foi aqui analisada. Quanto aos investimentos, segundo nos informa Conjuntura Econômica, apesar de ter sido duas vezes maior que o valor da produção expressa em cruzeiros — de 1940 — os financiamentos feitos pelo Banco do Brasil,

“essa evolução pouco representa pois é sabido que é bastante pequeno o financiamento rural em relação à produção». (56)

A Carteira Agrícola daquela instituição de crédito não dispõe de recursos. Assim, para um número de estabelecimentos de 2.2 milhões a Carteira só pôde atender a 19.250 ou seja menos de 1%.

(54) CLARK Colin, *ob. cit.* p. 184.

(55) VAN DER MEIREN, Pierre, *Aspectos do Desenvolvimento Econômico do Brasil*, Estudos de Economia Teórica e Aplicada, nº 5, julho de 1953 — Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

(56) “Conjuntura Econômica”, Ano V, nº 10, outubro, 1951, p. 7.

Como vimos, apesar de ser grande o número de nossa população ativa ocupada na agricultura — atualmente 64,76% — superior mesmo ao que seria desejado, pois a diminuição dessa taxa é sinal de desenvolvimento econômico, a produção nesse ramo é baixa: isto decorre do fato de nossa agricultura não ser mecanizada. Não dispomos de equipamento suficiente que permita a transmissão de maior número de braços para a indústria.

E' bem verdade que esta, como o atrativo de altos salários e a perspectiva de vida de maior conforto nas cidades tem atraído grande contingente da população agrícola. Se a lavoura não se modernizar, adotando além disso processos racionalizadores, se ressentirá ainda mais.

As transformações tecnológicas provocam mudanças sociais e ocupacionais de grande vulto conduzindo a uma gradativa eliminação do trabalho manual e determinando o rápido crescimento do número dos trabalhadores de escritórios e operários especializados.

O índice das indústrias extrativas baixou, o que demonstra um bom indício, pois

«de um modo geral, não é possível a um grande país, com elevada população obter alto rendimento nacional, mediante a exploração das indústrias extrativas e de cultivo da terra». (57)

Nas indústrias de transformação a taxa de ocupados aumentou razoavelmente, embora continue ainda baixa. Como sabemos, as indústrias de transformação se encarregam não só da produção do capital fixo como da sua substituição.

A produção industrial que se destina às indústrias de transformação foi assim discriminada pelo IBGE: (58) extrativa, mineral, cimento, vidro e cerâmica, siderurgia, papel e borracha e as que se destinam a manufatura dos bens de consumo em: produtos farmacêuticos, calçados, produtos alimentares, bebidas, fumo, construção civil e energia elétrica.

Para dar uma melhor visão das percentagens dos grandes grupos de atividades (Ver Tabela nº 9), adotaremos a divisão feita por COLIN CLARK (59) das atividades produtoras

Atividades primárias: agricultura, pecuária e silvicultura e indústrias extrativas;

Atividades secundárias: indústrias de transformação (cobrindo indústrias manufatureiras, construção de edifícios e obras públicas) e indústrias extrativas minerais: (60)

(57) SIMONSEN, Roberto, *Alguns Aspectos da Política Econômica mais conveniente ao Brasil, no período de após guerra*, p. 7.

(58) "Anuário Estatístico", I.B.G.E., 1956, p. 163.

(59) *Ob. cit.* p. 182.

(60) Observa CLARK COLIN que, em alguns países a indústria extrativa mineral é considerada atividade primária baseando-se no fato de que constituem exploração de recursos naturais. Na tabela que organizamos, ela aparece como atividade primária.

Atividades terciárias: serviços (comércio e distribuição, transporte, administração pública, serviços pessoais e profissionais. (Ver Tabela nº 9), elaborada em obediência à classificação acima).

No Brasil, a percentagem das *atividades secundárias* segundo o censo de 1950 é de 13,07%, sendo a taxa de participação nesse mesmo ano, de apenas 6,10% (ver Tabela nº 9), o que se deve ao fato de ser a percentagem das pessoas acima de 10 anos que fazem parte da população ativa, de apenas 46,8%.

O aumento percentual de 4,82% para 6,10%, de 1940 a 1950, deve-se em parte aos reflexos da guerra, quando fomos obrigados a substituir por nacionais parte dos produtos manufaturados importados. Terminada a guerra, restabelecida a importação de bens de equipamento, a produção industrial continuou em ritmo ascendente.

Um dos componentes mais importantes das *atividades secundárias* é a indústria metalúrgica. Considera-se como característica dos países industrializados a participação de 10% de sua população ativa neste grupo.

O índice de produção de nossa indústria metalúrgica passou de 127 (ano base 1939) a 549 em 1950. (61) As produções de ferro gusa, aço e laminados tiveram um aumento considerável, passando, respectivamente, de 185.570 a 728.979, de 141.201 a 768.557 e de 135.293 a 623.258 toneladas no decênio 1940-1950. (62)

Apesar desse aumento, as indústrias metalúrgicas ocuparam o quarto lugar dentro das indústrias de transformação, sendo que as duas colocadas nos primeiros lugares: *produtos alimentares, bebidas e fumo e fiação e tecelagem*, têm uma percentagem bem expressiva, mas são indústrias que se ocupam dos bens de consumo.

Podemos assinalar um aumento significativo no setor que se destina a produção de capital fixo — o cimento. A produção de cimento Portland quase dobrou de 1940 para 1950. (63)

Se compararmos os índices dos volumes físicos da produção da agricultura e da indústria, veremos que o índice da agricultura em 1950 é de 129 e o da indústria é de 230 (ano-base 1939). (64)

Esses índices mostram que caminhamos para um equilíbrio econômico mas de difícil obtenção, como assinala CLARK COLIN:

“A transferência da população ativa, da produção primária para a secundária e a terciária, continua a ocorrer e talvez continue por muitos séculos mais. Isto prova que ainda não se conseguiu o equilíbrio econômico mundial e que, na verdade, o mundo está muito longe de obtê-lo”.

(61) Fonte: “Revista Brasileira de Economia”, (Março, 1953).

(62) “Anuário Estatístico do Brasil”, IBGE, 1956, p. 135.

(64) VAN DER MEIREN, Pierre. *Aspectos do Desenvolvimento Econômico do Brasil*, ob. cit. p. 10.

PIRÂMIDE DEMOGRÁFICA do BRASIL

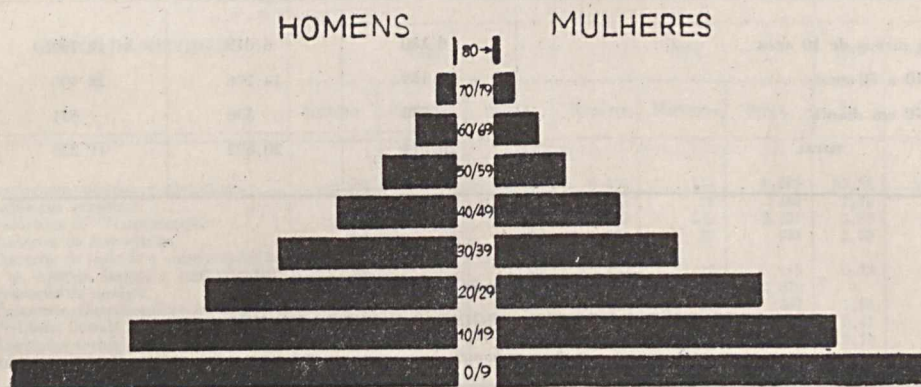


Tabela n.º 1

POPULAÇÃO BRASILEIRA *

Especificação por zonas fisiográficas da Federação

Anos de 1920, 1940 e 1950

ZONAS FISIográfICAS	1920	1940	1950
Norte.....	1.439	1.462	1.845
Nordeste.....	7.434	9.974	12.494
Leste.....	12.875	15.626	18.903
Sul.....	8.129	12.916	16.997
Centro Oeste.....	758	1.258	1.737
TOTAL.....	30.636	41.236	51.976

% SOBRE O TOTAL

ZONAS FISIográfICAS	1920 %	1940 %	1950 %
Norte.....	4,01	3,55	3,58
Nordeste.....	24,68	24,19	24,03
Leste.....	45,60	37,89	36,40
Sul.....	23,55	31,32	32,64
Centro Oeste.....	2,16	3,05	3,35
TOTAL.....	100,00	100,00	100,00

* Dados extraídos da Exposição Geral da Situação Econômica do Brasil in *Revista do Conselho Nacional de Economia* — Out. Nov. 1952 — Ano II — n.º 67, p. 57

Nota — Os dados referentes a 1950 foram retirados diretamente do *Anuário Estatístico do Brasil*, 1956 o total geral difere um pouco de outros que figuram no Anuário por incluir populações de alguns Municípios cujo material foi extraviado. O total que aparece noutras tabelas é de 51.944 milhares.

TABELA Nº. 2

POPULAÇÃO DO BRASIL, SEGUNDO O CENSO DE 1940

(em milhares)

GRUPOS DE IDADE	HOMENS	MULHERES	TOTAL
Com menos de 10 anos.....	6.180	6.019	12.199
De 10 a 70 anos.....	14.159	14.276	28.406
De 70 em diante.....	275	356	631
TOTAL.....	20.614	20.622	41.236

TABELA Nº. 3

POPULAÇÃO DO BRASIL, SEGUNDO O CENSO DE 1950

(em milhares)

GRUPOS DE IDADE	HOMENS	MULHERES	TOTAL
Com menos de 10 anos.....	7.797	7.590	15.387
De 10 a 70 anos.....	17.705	17.982	35.687
De 70 em diante.....	383	487	870
TOTAL.....	25.885	26.059	51.944

TABELA Nº. 4

POPULAÇÃO ATIVA, SEGUNDO O CENSO DE 1940

(em milhares)

TOTAL	HOMENS	MULHERES	% DE HOMENS	% DE MULHERES
14.020	11.780	2.240	84,10	15,9

TABELA Nº. 5

POPULAÇÃO ATIVA, SEGUNDO O CENSO DE 1950

(em milhares)

TOTAL	HOMENS	MULHERES	% DE HOMENS	% DE MULHERES
17.070	14.572	2.498	85,4	14,6

DISTRIBUIÇÃO DOS HABITANTES DE 10 ANOS E MAIS, SEGUNDO OS GRUPOS DE ATIVIDADE PRINCIPAL E O SEXO

TABELA N.º 6

(Números relativos e absolutos) — Censo de 1940 e 1950

GRUPOS DE ATIVIDADE	NÚMEROS ABSOLUTOS (em milhares)						NÚMEROS RELATIVOS	
	1940			1950			1940	1950
	Homens	Mulheres	TOTAL	Homens	Mulheres	TOTAL	%	%
Agricultura, pecuária e silvicultura.....	8.183	1.270	9.453	9.154	733	9.887	32,56	27,04
Indústrias extrativas.....	345	45	390	455	28	483	1,35	1,32
Indústrias de Transformação.....	1.707	293	1.400	1.842	339	2.231	4,82	6,10
Comércio de mercadorias.....	698	51	749	869	89	958	2,58	2,62
Comércio de imóveis e valores mobiliários, créditos, seguros e capitalização.....	48	3	51	103	13	116	0,18	0,32
Prestação de serviços.....	—	—	—	747	926	1.673	—	4,55
Transporte, Comunicações e Armazenagem.....	460	14	474	668	29	697	1,63	1,91
Profissões liberais.....	79	40	119	65	14	79	0,41	0,22
Atividades sociais.....	462	428	900	201	234	435	3,10	1,19
Administração pública, Legislativo e justiça.....	* 227	84	311	221	40	261	1,07	0,71
Defesa Nacional e Segurança Pública.....	171	1	172	247	4	251	0,59	0,69
Atividades domésticas não remuneradas e atividades escolares discentes.....	1.184	10.725	11.909	1.582	14.832	16.464	41,01	45,63
Atividades não compreendidas nos demais ramos, atividades mal definidas ou não declaradas.....	1.470	1.639	3.109	38	9	47	10,70	0,13
Condições inativas.....	—	—	—	1.896	1.080	2.976	—	8,14
TOTAIS.....	14.434	14.603	29.037	18.470	18.470	36.558	100,00	100,00

*) Inclusive as classes previdência social e assistência hospitalar-pública.

POPULAÇÃO ATIVA BRASILEIRA

TABELA n.º 7

Variação percentual dos grupos profissionais, de acordo com os censos de 1940 e 1950

GRUPOS PROFISSIONAIS	1940 %	1950 %
Agricultura, pecuária e silvicultura.....	67,43	57,90
Indústrias extrativas.....	2,79	2,88
Indústrias de transformação.....	9,99	13,06
Comércio de mercadorias.....	5,34	5,61
Comércio de imóveis e valores mobiliários, créditos, e seguros e capitalização.....	0,36	0,67
Prestação de serviços.....	—	9,80
Transporte, Comunicações e Armazenagem.....	3,39	4,08
Profissões Liberais.....	0,85	0,46
Atividades Sociais.....	6,42	2,55
Administração Pública, Legislativo e Justiça.....	2,21	1,52
Defesa Nacional e Segurança Pública.....	1,22	1,47
TOTAL.....	100,00	100,00

TABELA N. 8

POPULAÇÃO BRASILEIRA

Especificação, por zonas fisiográficas, da Federação pessoas presentes, de 10 anos e mais, segundo os ramos de atividade principal
(Números relativos)

Ramos de atividade principal	REGIÕES FISIográfICAS							
	NORDE		NORDESTE		LESTE (I)		SUL	
	1940	1950	1940	1950	1940	1950	1940	1950
Agricultura, pecuária e silvicultura.....	25,26	18,99	37,47	32,76	30,99	25,34	31,30	25,00
Indústrias extrativas.....	11,87	12,79	1,20	1,01	1,00	0,88	0,54	0,78
Indústrias de transformação.....	2,63	2,90	3,33	3,23	4,69	5,89	6,62	9,10
Comércio de mercadorias.....	2,70	2,66	1,84	1,99	2,66	2,70	3,13	3,12
Comércio de imóveis, valores mobiliários, créditos seguros e capitalização.....	0,07	0,11	0,07	0,10	0,19	0,36	0,27	0,46
Prestação de serviços.....	—	3,14	—	3,23	—	5,30	—	5,11
Transportes, Comunicações e Armazenagem.....	1,72	2,12	0,81	1,03	1,73	2,08	2,19	2,42
Profissões Liberais.....	0,32	0,11	0,20	0,08	0,44	0,23	0,54	0,31
Atividades Sociais.....	3,19	1,17	2,79	0,68	3,46	1,30	2,97	1,47
Administração Pública, Legislativo, e Justiça.....	1,09	0,78	0,64	0,41	1,24	0,85	1,23	0,78
Defesa Nacional e Segurança Pública.....	0,51	0,66	0,21	0,36	0,72	0,94	0,71	0,66
Atividades domésticas não remuneradas e atividades escolares discentes.....	40,28	46,87	37,80	45,74	42,07	45,60	42,19	45,56
Atividades não compreendidas nos demais ramos, atividades mal definidas ou não declaradas.....	9,96	7,61	13,64	9,27	10,91	8,40	8,31	7,01
Condições inativas.....	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
TOTAL.....	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

1 - Inclusive a população da Serra dos Aimorés.

TABELA Nº. 9

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ATIVA BRASILEIRA

GRUPOS DE ATIVIDADES	POPULAÇÃO ATIVA		PROPORÇÃO POR GRUPOS DE ATIVIDADES %		TAXAS PARCIAIS DE ATIVIDADES %	
	1940	1950	1940	1950	1940	1950
Agricultura e indústrias extrativas.....	9.845	11.054	70,20	64,76	33,91	28,36
Indústrias de transformação.....	1.400	2.231	9,99	13,07	4,82	6,10
Serviços.....	2.775	3.785	19,81	22,17	9,67	12,34
TOTAL.....	14.020	17.070	100,00	100,00	100,00	100,00

BIBLIOGRAFIA

Encyclopaedias

SOROKIN PITIRIM, Social Momility, *Encyclopaedia of Social Sciences*, New York The Macmillan Company, MCMXXXV.

Livros

- BARRETO, Castro. *Povoamento e População*, Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio, 1951.
- COLIN, Clark. *The conditions of Economic Progress*, New York, The Macmillan Company, 1940.
- FRONMONT, Pierre. *Demographie Economique, Les Rapports de l'Economie et de la Population dans le Monde*, Paris, Payot.
- HICKS, J. R. *Introdução ao Estudo da Economia*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1956.
- JACCARD, Madeleine. *La Mobilité de la Main d'oeuvre et les problèmes du chômage et de la penurie de travailleurs*, Lausanne, F. Rouge & cie s.a., Librairie de l'Université, 1944.
- LANDRY, Adolphe. *Traité de Demographie*. Paris, Payot.
- NORMANO, J. F. *Evolução Econômica do Brasil*, São Paulo Companhia Editora Nacional, 1938.
- OLIVEIRA Viana. *Evolução do Povo Brasileiro*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1938.
- SIMONSEN, Roberto, C. *História Econômica do Brasil, 1500 — 1820*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, Tomo I, 1937.

Panfletos e Publicações Oficiais

Anuário Estatístico do Brasil, I.B.G.E.

- MORTARA, Giórgio. *As atividades da População da Bahia segundo os Censos Demográficos*, Estudos de Estatística Teórica e Aplicada, Rio de Janeiro, I.B.G.E. Conselho Nacional de Estatística, 1956.
- SIMONSEN, Roberto C. "Alguns Aspectos da Política Econômica mais Conveniente ao Brasil no período de após guerra".
- VAN DER MEIREN, Pierre. *Apóstos do Desenvolvimento Econômico do Brasil*, Estudos de Economia Teórica e Aplicada, São Paulo, Escola de Sociologia e Política, n.º 5, julho.

Revistas Técnicas (artigos assinados)

- DIEGUES JUNIOR, Manoel. *A influência da Economia Agrícola na Idéia Republicana*, "Revista Brasileira de Estatística", Ano I, n.º 2, (abril — junho, 1940).

- GUIMARÃES, Nunes. *Capital e População* "Revista Brasileira de Economia", Ano IV, n.º 4, (dezembro, 1950).
- KINGSTON, Jorge. *Alguns Aspectos Demográficos e Econômicos da Agricultura no Brasil*, "Revista Brasileira de Estatística", Ano XV, n.º 58, (abril — junho, 1954).
- MENEZES CÔRTEZ, Geraldo. *Imigração e Colonização*, "Revista do Serviço Público", Ano XVII, n.º 1, (abril, 1954).
- SIMONSEN, Roberto C. *Recursos Econômicos e Movimento das Populações*, "Revista Brasileira de Estatística", Ano I, n.º 2 (abril — junho, 1940).

Revistas Técnicas (artigos não assinados)

- Exposição Geral da Situação Econômica do Brasil*, "Revista do Conselho Nacional de Economia", Ano I, (dezembro, 1952).
- A população ativa no mundo*, "Revista Brasileira de Estatística", Ano III, n.º 68, (outubro — dezembro, 1956).
- A população do Distrito Federal através dos Censos, Algumas Características*, "Conjuntura Econômica", Ano VI, n.º 3, (março, 1952).
- A população feminina e o Recenseamento*, "Conjuntura Econômica", Ano VII, n.º 9, (setembro, 1953).
- Migrações Internas*, "Conjuntura Econômica", Ano VI, n.º 4, (abril, 1952).
- Recursos Econômicos e Movimento das Populações*, "Revista Brasileira de Estatística", Ano I, n.º 2, (abril — junho, 1940).
- Salário na Indústria*, "Conjuntura Econômica", Ano III, n.º 9, (setembro, 1949).